



**PREVALÊNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO E PRINCIPAIS FATORES QUE INFLUENCIAM SUA  
INTERRUPÇÃO**

GUARAPUAVA

2022

BÁRBARA SURECK

**PREVALÊNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO E PRINCIPAIS FATORES QUE INFLUENCIAM SUA  
INTERRUPÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
apresentada ao Centro Universitário Campo  
Real, como requisito para obtenção do título de  
Bacharel em Nutrição

Orientadora: Simone Carla Benincá

GUARAPUAVA

2022

# Prevalência do aleitamento materno e principais fatores que influenciam sua interrupção

## Prevalence of breastfeeding and main factors that influence its interruption

Bárbara Sureck<sup>1</sup>, Simone Carla Beninca<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Centro Universitário Campo Real - Guarapuava (PR)

### RESUMO

O objetivo deste estudo foi avaliar a prevalência do aleitamento materno e os principais fatores que levam as mulheres à interrupção. Trata-se de uma pesquisa feita com 107 mulheres abordando questões relacionadas à amamentação, tendo como critério de inclusão: idade entre 18 a 40 anos e ter tido filhos nos últimos 4 anos. Foi possível notar que a maioria das mães já amamentaram e/ou permanecem amamentando. Grande parte possui ensino superior completo, vivem com companheiro e ganham mais de 2 salários mínimos, fatores estes que favorecem um maior tempo de amamentação. Parte importante das respostas apontam que o primeiro alimento que a criança recebeu após o nascimento foi o leite materno, além das mães terem recebido informações a respeito da amamentação no hospital. Fatores estes que podem ser determinantes para o sucesso do aleitamento materno. Por meio do presente estudo foi possível notar que a prioridade ao aleitamento materno vem crescendo nos últimos tempos, já que as mães conseguem ter mais acesso à informação e também entendem a importância da amamentação.

Palavras-chave: Amamentação. Interrupção do aleitamento materno. Nutrição Materno Infantil. Leite Materno.

### **Abstract**

The objective of this study was to evaluate the prevalence of breastfeeding and the main factors that lead women to interrupt it. This is a survey of 107 women addressing issues related to breastfeeding, with the following inclusion criteria: age between 18 and 40 years and having had children in the last 4 years. It was possible to note that most mothers have already breastfed and/or continue to breastfeed. Most have completed higher education, live with a partner and earn more than 2 minimum wages, factors that favor a longer breastfeeding period. An important part of the answers point out that the first food that the child received after birth was breast milk, in addition to the mothers having received information about breastfeeding in the hospital. These factors can be decisive for the success of breastfeeding. Through this study, it was possible to note that the priority given to breastfeeding has been growing in recent times, as mothers are able to have more access to information and also understand the importance of breastfeeding.

Keywords: Breastfeeding. Interruption of breastfeeding.

### INTRODUÇÃO

O Ministério da Saúde recomenda o aleitamento materno exclusivo (AME) até os seis meses de idade, para então após os 6 meses, dar início a introdução alimentar que irá complementar a nutrição da criança. O leite materno é o alimento mais indicado e adequado para a criança, devido a suas propriedades nutricionais e por ser um alimento rico em anticorpos, excelente para proteção

imunológica do bebê.<sup>1</sup> Este desempenha uma importante função na prevenção da mortalidade infantil, especialmente por doenças infecciosas até os 24 meses de vida, além de poder contribuir para a redução dos casos de otite, asma, dermatite atópica e auxiliar para o desenvolvimento da cavidade oral.<sup>2</sup>

O leite materno deve continuar a ser ofertado mesmo após a introdução alimentar, já que permanece sendo fonte de energia e vitaminas, além de auxiliar no suprimento das necessidades energéticas da criança.<sup>1-3</sup>

A amamentação, além de oferecer diversos benefícios para a criança, pode ser benéfica para a mãe também, já que está relacionada a prevenção da depressão pós-parto, na importância do vínculo mãe-bebê, na proteção contra o câncer de mama, recuperação do útero pós-parto, entre outros benefícios.<sup>4,5</sup>

À frente da sua importância para a sociedade, as políticas públicas de incentivo ao AM vêm crescendo. Dentre as ações e estratégias para maior adesão do aleitamento materno exclusivo, destaca-se o acolhimento e assistência às gestantes com orientações acerca da amamentação já nos primeiros dias pós parto trazendo um impacto positivo na prática e duração do aleitamento materno, além das orientações e incentivo contínuo durante as consultas de puericultura.<sup>6</sup> O resultado do Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil (Enani) constatou um aumento na prevalência do AM no Brasil entre fevereiro e março de 2020, verificando que 53% das crianças brasileiras foram amamentadas nos 12 primeiros meses de vida e 45,7% em aleitamento materno exclusivo (AME).<sup>7</sup>

Entretanto, o desmame precoce ainda pode ser considerado um problema de saúde pública diante de todos os malefícios que pode trazer para a vida da mãe e também do bebê. É importante ressaltar que o desmame precoce é definido como o abandono, seja parcial ou total, do aleitamento materno antes dos seis meses de vida da criança e pode ocorrer por diversos fatores, dentre eles influência da sociedade, estilo de vida, entre outros.<sup>8</sup>

Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo avaliar a prevalência do aleitamento materno e quais são os principais fatores que levam à interrupção.

## **MÉTODO**

Trata-se de um estudo transversal quantitativo realizado por meio de um questionário online, através da plataforma Google Formulários®, durante o mês de julho de 2022, com diversas perguntas, entre estas, objetivas e descritivas acerca dos dados sociodemográficos, dados da gestação e da amamentação.

A amostra foi selecionada de forma não probabilística, por acessibilidade ou conveniência utilizando a metodologia bola de neve (*snow ball*). As mulheres entraram em contato com o link via redes sociais (whatsapp®, facebook®, instagram®) sendo convidadas a participar da pesquisa. O instrumento de pesquisa continha na primeira página o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), e aquelas que aceitaram participar e concordaram com o TCLE eram redirecionadas para a próxima página contendo perguntas objetivas sobre dados pessoais como idade, escolaridade, estado civil e renda familiar. A respeito dos dados da gestação, foram questionados: quantidade de gestações, tipo de parto e idade gestacional em que a criança nasceu. Já sobre a amamentação, foi questionado se já amamentou, por quanto tempo ofertou apenas leite materno, se teve apoio dos familiares, qual foi o primeiro alimento que seu filho recebeu após o nascimento, entre outras questões.

A amostra foi composta por 107 mulheres, tendo como critérios de inclusão: idade entre 18 e 40 anos, com filhos de até 4 anos e que concordassem com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As mulheres com idade inferior a 18 anos ou superior a 40 anos, que não passaram pela gestação e que não concordem com o protocolo de estudo ou não concordem com o TCLE foram excluídas da pesquisa.

Os dados foram tabulados e analisados com o auxílio do software Microsoft Excel® e do Statistical Package for the Social Sciences® (SPSS), organizados em forma de tabelas e figura. O estudo foi realizado após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Campo Real sob o protocolo nº 5.465.841/2022.

## **RESULTADOS**

As mulheres participantes da pesquisa tinham entre 18 a 40 anos. A média de idade das 107 mulheres se manteve em 28,5 (DP= ± 5,03) anos.

A respeito da escolaridade, grande parte das mães possuíam ensino superior completo 53,3% (n=57). Já sobre a situação conjugal, a maioria das respostas apontou que as mães vivem com companheiro, sendo 87,8% (n=94), vale ressaltar que as despesas também são divididas com seus respectivos companheiros, 65,4% (n=70), enquanto 23,4% (n=25) os responsáveis pelo custo são os companheiros e 8,4% (n=9) das mulheres são responsáveis pelas despesas, sem ajuda.

A maioria das mães trabalha de forma autônoma 30,9%, (n=33) ou com registro em carteira 51,4%, (n=55). Com relação a renda familiar 82,3% (n=88) possuem mais de dois salários-mínimos. (Tabela 1).

**Tabela 1** - Dados socioeconômicos de mulheres que participaram da pesquisa, residentes do Paraná. Guarapuava, 2022.

<b>Variáveis</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Escolaridade</b>		
Fundamental incompleto e incompleto	2	1,86
Médio Completo	24	22,4
Superior Completo	57	53,3
Superior Incompleto	20	18,7
Pós Graduação	4	3,8
<b>Situação Conjugal</b>		
Não tem companheiro	11	10,3
Tem companheiro mas não vive com ele	2	1,9
Vive com companheiro	94	87,8
<b>Trabalho</b>		
Cargo comissionado	1	0,9
Estagiária	1	0,9
Não trabalha	17	15,9
Trabalha com carteira assinada	55	51,4
Trabalha de maneira autônoma	33	30,9
<b>Responsável pelas despesas da casa</b>		
Divisão de gastos	70	65,4
Companheiro	25	23,4
Outra pessoa	3	2,8
A própria mulher	9	8,4
<b>Renda familiar total</b>		
Menos de 1 salário mínimo	1	0,9
Entre 1 e 2 salários mínimos	18	16,8
Mais de 2 salários mínimos	88	82,3

Fonte: Autoria Própria (2022)

Também foram analisadas questões a respeito da gestação, a fim de averiguar a prevalência de alguns fatores importantes e/ou determinantes para o aleitamento materno.

Foi levantado por quantas gestações as mães passaram, entre as quais 64,5% (n=69) passaram somente por 1 gestação. Acerca do tipo de parto, percebeu-se que a maioria das mães

tiveram seus bebês por meio do parto cirúrgico (cesariana) 62,6%, (n=67), sendo que 84,1% (n=90) tiveram seus partos à termo (entre 38 a 41 semanas). (Tabela 2).

**Tabela 2** - Informações sobre a gestação e o parto das mulheres participantes da pesquisa, residentes do Paraná. Guarapuava, 2022.

<b>Variáveis</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Número de gestações</b>		
1 gestação	69	64,5
2 gestações	26	24,3
3 gestações	11	10,3
4 gestações	1	0,9
<b>Tipo de parto</b>		
Cesária	67	62,6
Normal	40	37,4
<b>Idade gestacional ao nascer</b>		
Pós termo	9	8,4
Pré termo	8	7,5
A termo	90	84,1

Fonte: Autoria Própria (2022)

Por fim foram analisadas também questões acerca da amamentação. Somente 1 mãe (0,9) não amamentou, os outros 99,1% são representados por mulheres que já amamentaram. Dentre todas estas, (65,4%, n=70) ofertaram somente leite materno ao seu filho até os seis meses de idade, e 13,1% (n=14) praticaram o aleitamento materno exclusivo por menos de 3 meses. Grande parte das crianças (95,3%, n=102) receberam como primeiro alimento o leite materno, enquanto somente 4,7% (n=5) receberam como primeiro alimento a fórmula infantil. Também foi questionado a respeito das orientações acerca da amamentação no hospital, onde grande parte das mães (83,2%, n=89) confirmaram ter recebido orientações. Durante a amamentação 83,2% (n=89) acreditavam ter bastante leite e 89,7% (n=96) das mães relataram ter apoio dos familiares para o sucesso da amamentação. (Tabela 3).

**Tabela 3** - Informações sobre amamentação das mulheres que participaram da pesquisa, residentes do Paraná. Guarapuava, 2022.

Variáveis	N	%
<b>Recebeu orientações no hospital sobre amamentação?</b>		
Não	18	16,8
Sim	89	83,2
<b>Primeiro alimento que o filho recebeu após nascimento</b>		
Fórmula infantil	5	4,7
Leite materno	102	95,3
<b>Já amamentou?</b>		
Sim	106	99,1
Não	1	0,9
<b>Por quanto tempo ofereceu apenas leite materno?</b>		
Menos que 3 meses	14	13,1
Até 3 meses	5	4,7
Até 4 meses	10	9,3
Até 5 meses	8	7,5
Até 6 meses	70	65,4
<b>Acredita que tinha bastante leite?</b>		
Não	18	16,8
Sim	89	83,2
<b>Teve apoio dos familiares para amamentar?</b>		
Sim	96	89,7
Não	11	10,3

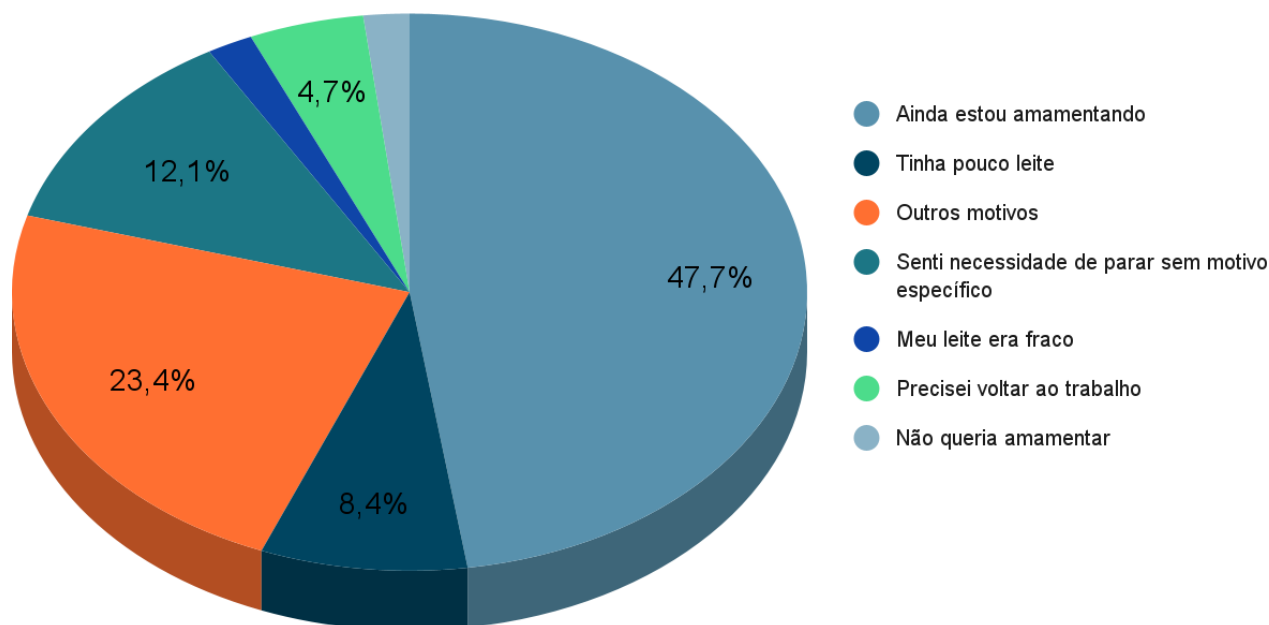
Fonte: Autoria Própria (2022)

Sabe-se que diversos fatores podem levar ao abandono do aleitamento materno, por esse motivo foram exploradas as justificativas da população estudada. Grande parte das mães, 47,7% (n=51) ainda estavam amamentando no período da pesquisa. Aquelas que já não amamentavam tiveram outras justificativas, sendo que 8,4% (n=9) que acreditavam ter pouco leite, 23,4% (n=25) pararam por outros motivos não especificados, 12,1% (n=13) sentiram a necessidade de interromper a amamentação sem motivo específico, 4,7% (n=5) precisaram voltar ao trabalho e



1,9% (n=2) acreditavam ter o leite fraco. Apenas 1,9% (n=2) preferiram não amamentar, conforme mostra a Figura 1.

**Figura 1** - Motivos da interrupção do aleitamento materno relatados pelas mulheres participantes da pesquisa. Guarapuava, 2022.



Fonte: Autoria Própria (2022)

## DISCUSSÃO

Os motivos associados ao aleitamento materno exclusivo são diversos e podem variar conforme a população estudada. A maior escolaridade, multiparidade e apoio familiar são fatores associados ao aumento da duração do aleitamento materno exclusivo, enquanto o uso de chupetas, pouca produção de leite e retorno da mãe ao trabalho estão associados à interrupção do aleitamento.<sup>9</sup>

Foi possível notar que a maioria das mães possuem superior completo, sendo um fator importante para a permanência do aleitamento materno. A respeito da situação conjugal o maior percentual vive com companheiro, sendo também um fator que favorece uma maior duração para a amamentação.<sup>10</sup>

Grande parte das mães têm um trabalho, seja ele com carteira assinada ou não. Segundo Araújo et al. (2021)<sup>11</sup>, no retorno da mãe ao trabalho, na maioria das vezes gera o sentimento de necessidade da introdução alimentar antes do tempo ou até mesmo o uso dos leites artificiais, além de acarretar numa menor produção láctea já que a estimulação será menor, atrapalhando também

o vínculo mãe-bebê. O aleitamento materno é direito da criança. Segundo o artigo 9º do Estatuto da Criança e do Adolescente, é dever do governo, instituições e empregadores garantir condições adequadas ao aleitamento materno.<sup>12</sup> Além disso, a mãe tem também como direito a pausa de uma hora por dia para amamentar seu filho até os seis meses de vida, mas esse direito dificilmente é utilizado devido à dificuldade para deslocamento do bebê.<sup>8</sup>

A maioria da população estudada tem como renda mais de 2 salários mínimos e as despesas em casa são divididas com o companheiro, sendo também um fator apontado para o sucesso do aleitamento materno.

Pode também levar em consideração que o processo de amamentação pode ser doloroso para a mãe, causando fissuras e/ou rachaduras na aréola, sendo um fator também determinante para o abandono do aleitamento materno.<sup>13</sup> Nesse momento se faz importante e necessário o acompanhamento e instrução dos profissionais de saúde já no pré-natal e também durante a puericultura, orientando a respeito da pega correta a fim de reduzir dores e danos.<sup>14</sup>

Alguns mitos e costumes relatados pelas mães, como por exemplo: leite fraco e insuficiente pode também levar ao desmame, já que quando as mães têm essa impressão, tendem a introduzir fórmula infantil ou até mesmo os alimentos antes do tempo certo. Vale ressaltar que a pega e sucção incorreta provoca mamadas curtas e de pouca frequência, diminuindo assim a produção, já que esta depende da sucção do bebê, uma vez que quanto mais ele sugar, maior será a produção hormonal de prolactina e ocitocina, resultando em maior quantidade do leite. Isto deve estar também atrelado ao interesse da mãe em amamentar.<sup>13-15</sup>

Por fim, grande parte das mães relataram ter apoio familiar durante o processo de amamentação, sendo este um fator primordial para o sucesso da amamentação. A amamentação não pode ser um processo onde a mãe sinta-se solitária, ela deve se sentir acolhida, confortável e confiante para que então consiga continuar produzindo leite para alimentar seu filho.<sup>16</sup>

## **CONCLUSÃO**

Foi possível observar por meio da pesquisa que a população estudada tem um nível de escolaridade alto, já que a maioria possui ensino superior completo. Grande parte das mães têm seu trabalho, seja registrado ou de forma autônoma e dividem suas despesas com seus respectivos companheiros. As mães também receberam informações sobre o aleitamento materno já no hospital e a maioria amamentou por pelo menos 3 meses. Notou-se que estes foram os fatores determinantes para o sucesso da amamentação.

Atualmente muito se fala sobre a ausência da amamentação, já que muitos não imaginam que a prática da amamentação vem crescendo a cada dia. É de suma importância que enquanto

nutricionistas e profissionais da saúde possamos incentivar a amamentação e sempre mostrar o quão importante esta prática é para a mãe e também para o bebê.

## REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (Brasil). Saúde da Criança: aleitamento materno e alimentação complementar. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde; 2015. 184 p.
2. World Health Organization. Protecting, promoting and supporting breastfeeding in facilities providing maternity and newborn services. Geneva: WHO/UNICEF; 2017.
3. Ministério da Saúde. Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Primária à Saúde; 2021. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia\\_alimentar\\_crianca\\_brasileira\\_versao\\_resumida.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_crianca_brasileira_versao_resumida.pdf).
4. McFadden A, Siebelt L, Marshall JL, Gavine A, Girard LC, Symon A, et al. Counseling interventions to enable women to initiate and continue breastfeeding: a systematic review and meta-analysis. October 21, 2019;14(1).
5. Victora, Cesar G, et al. Amamentação no século 21: epidemiologia, mecanismos e efeitos ao longo da vida. 2016. 475-490 p.
6. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança: orientações para implementação. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde; 2018. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2018/07/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Aten%C3%A7%C3%A3o-Integral-%C3%A0-Sa%C3%BAde-da-Crian%C3%A7a-PNAISC-Vers%C3%A3o-Eletr%C3%B4nica.pdf>
7. Kac, G. Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil – ENANI: Resultados preliminares e indicadores de aleitamento materno no Brasil. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2019. Disponível em: <https://enani.nutricao.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio-preliminar-AM-Site.pdf>
8. Monteschio CAC. Gaiva MAM. Moreira MDS. O enfermeiro frente ao desmame precoce na consulta de enfermagem à criança. 2015. 869-875 p.
9. Mosqueira PS, Lourenço BH, Gimeno SGA, Malta MB, et al. Fatores que afetam o aleitamento materno exclusivo no primeiro mês de vida entre crianças amazônicas. Journal Pone, 2019.
10. Prado C, Clapis V, et al. Desmame precoce na perspectiva de puérperas: uma abordagem dialógica. 2016. 25 p.
11. Araújo SC. De Souza ADA. De Bomfim ANA. Santos JB. Fatores intervenientes do desmame precoce durante o aleitamento materno exclusivo. 2021. 13 p.
12. Por que as políticas em prol das famílias são fundamentais para aumentar as taxas de amamentação em todo o mundo [Internet]. Unicef.org. 2019 [cited 2022 Oct 14]. Available from:

<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/por-que-politicas-em-prol-das-fam%C3%ADlias-sao-fundamentais-para-aumentar-taxas-de-amamentacao>

13. Alencar AP, Nascimento G, Lira P, Fonseca F, Fonseca R, Alves B, Xavier SPL, Laurentino P. Principais causas do desmame precoce em uma estratégia de saúde da família. [Internet]. 20º de dezembro de 2017 [citado 14 de outubro de 2022];6(2):65-76. Disponível em: <https://www.periodicos.unc.br/index.php/sma/article/view/1456>
14. Lima APC, et al. A prática do aleitamento materno e fatores que levam ao desmame precoce: uma revisão integrativa. 2018. 189-196 p.
15. Alvarenga SC, et al. Fatores que influenciam o desmame precoce. Aquichan; 2017. 93-103 p.
16. Branco MBLR, Alves VH, Rodrigues DP, Souza R de MP de, Cruz AF do N da, Marinho TF. Promoção do aleitamento materno nos bancos de leite humano do estado do Rio de Janeiro. [Internet]. 1º de outubro de 2015 [citado 14 de dezembro de 2022];5(3):434-43. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/16498>

**ESTE TRABALHO SEGUE AS NORMAS DA REVISTA:  
RASBRAN (Revista da Associação Brasileira de Nutrição)**